



UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE BELAS ARTES – EBA

Max Olivete Reis

Gambiarras nossas de cada dia

Rio de Janeiro

2020

Ficha Catalográfica

OR375g

Olivete Reis, Max

Gambiarrras nossas de cada dia / Max

Olivete

Reis. -- Rio de Janeiro, 10.

37 f.

Orientador: Julio Ferreira Sekiguchi.

Coorientador: Lícious Bossolan.

Trabalho de conclusão de curso (graduação)

-

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de

Belas Artes, Bacharel em Pintura, 10.

1. Minha poética e processos de pintura. I.

Ferreira Sekiguchi, Julio, orient. II.

Bossolan,

Lícious , coorient. III. Título.

Max Olivete Reis

DRE: 110052822

Gambiarrras nossas de cada dia

Trabalho de monografia apresentado como pré-requisito para conclusão do Curso de Bacharelado em Pintura da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof. Dr. Julio Ferreira Sekiguchi

Rio de Janeiro

2021

Gambiarras nossas de cada dia

O estudante supracitado está ciente de que o Trabalho de Conclusão de Curso será publicado na Base Minerva/Sistema Phanteon da UFRJ e poderá ser integralmente publicado no site do Curso de Pintura da EBA – UFRJ. Compromete-se com a possível reformulação de seu material de apresentação conforme orientações da banca no prazo de 30 dias, visando sua posterior publicação online. Compromete-se também a enviar em documento separado o resumo e no mínimo três imagens dos trabalhos realizados com ficha técnica completa para seu orientador, a fim de serem divulgados online no site do Curso de Pintura da UFRJ. O cumprimento desses requisitos é necessário para o lançamento da nota do estudante.

Monografia apresentada como pré-requisito para conclusão do Curso de Pintura da Escola de Belas Artes - Universidade Federal do Rio de Janeiro, e avaliada pela seguinte banca examinadora:

Aprovado em:

Julio Ferreira Sekiguchi. Doutor. EBA/UFRJ

Maria de Lourdes Barreto Santos Filha. Mestra. EBA/UFRJ

Pedro Meyer Barreto. Doutor. EBA/UFRJ

Agradecimentos

Dedico este trabalho aos meus pais por seu amor incondicional e por, apesar de todas as dificuldades, sempre terem me incentivado e acreditado em meu trabalho. Também às minhas irmãs, meu sobrinho, minha tia Lina (in memorian) e a todos que acreditam na força e na necessidade das Universidades públicas.

Agradeço ao prof. Julio Sekiguchi, meu orientador, pelo empenho dedicado à elaboração deste trabalho. A todos os professores da EBA-UFRJ que tive nessa (loooonga) jornada e que com certeza contribuíram com a minha formação, cada um ao seu modo. Em especial Lurdes Barreto e Pedro Meyer, que de forma muito solícita aceitaram compor minha banca. Aos meus professores do Parque Lage que também colaboraram com essa minha etapa. Agradeço especialmente a Cíntia Kury e Luis Zuñiga (in memorian), Regina de Paula, Ângelo Venosa e Julio Castro.

Também preciso agradecer Maria de Fátima, minha professora de artes do ginásio. Bruno Miguel que lá no início da graduação e depois em seu atelier me incentivou a mudar de curso e tomar o caminho das artes visuais. A Ronaldo Brito pela atenção que sempre teve com o meu trabalho e em especial a Carlos Zilio pelo aprendizado constante, pelo exemplo e amizade.

Não poderia deixar de citar e agradecer meus amigos de trabalho Jaka Red e Mariana Leico, com quem aprendi muito, dividi momentos de dificuldades e muitas (muitas) risadas. A Elien Ronse pelo carinho, amizade e por acreditar demais na minha pesquisa. Alexandre Rodrigues pelo suporte na organização desse trabalho. Também ao Beto Fame, Deborah Pandolfi, Carlos Rua, Kateřina Novotná, João Torraca, Álef Almeida e tantos outros amigos/colegas que compartilharam aulas e momentos de produção no Pamplonão comigo. Agradeço também a Thiago G. Nogueira, Daniel “Cabelo” Camargo, Carol Cruz, Felipe Teixeira e Thiago Villas-Boas pelo carinho, risadas e amizade. Em especial a minha querida amiga Bruna Araújo (e família) que esteve ao meu lado em praticamente toda essa jornada. E a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para essa minha caminhada, eu mando um grande abraço.

Resumo

Essa pesquisa tem por objetivo discutir as questões comportamentais contemporâneas, no tocante à relação do real e simulado de forma pictórica. Analiso nesta série a utilização de conexões elétricas (tomadas, filtros de linha, benjamins, extensões...), muitas vezes realizadas de forma bem precária.

SUMÁRIO

Introdução.....	8
Objeto	11
Objetivo	14
Justificativa	15
Desenvolvimento	21
Gambiarra	25
Estudos preparatórios I	28
Estudos preparatórios II	32
Conclusão	36
Bibliografia	37

Introdução

Essa minha nova série de trabalhos utiliza plugs e gambiarras elétricas como metáforas para ideias, sentimentos e conceitos que usualmente não eram externados antes do boom das redes sociais e blogs, ou em geral eram mais ponderados e comedidos. Hoje em dia, principalmente em nossas “vidas on-line”, procuramos expressar sentimentos, replicar conceitos (muitas vezes mal formulados) e opiniões sobre praticamente tudo e todos, com a facilidade de termos janelas abertas para o mundo nas telas de nossos smartphones. Esse comportamento nos leva a questionar: O que é real nesse tempo virtual?

(...) A diferença entre a comunidade e a rede é que você pertence à comunidade, mas a rede pertence a você. É possível adicionar e deletar amigos, e controlar as pessoas com quem você se relaciona. Isso faz com que os indivíduos se sintam um pouco melhor, porque a solidão é a grande ameaça nesses tempos individualistas. Mas, nas redes, é tão fácil adicionar e deletar amigos que as habilidades sociais não são necessárias. Elas são desenvolvidas na rua, ou no trabalho, (...)¹

Plugues, extensões e seus emaranhados de fios ganharam mais relevância em nosso dia a dia de forma muito natural (conforme ilustra a imagem 1 abaixo). Isso se justifica pela multiplicação de carregadores e cabos de energia que alimentam celulares, notebooks, televisores e afins, que fazem parte do nosso cotidiano. Contudo, a indústria por vezes exagera ao oferecer produtos nem sempre práticos e relevantes para o consumidor. Cito como exemplo o mais novo *util inutilia*, que a Polishop vende como sendo a oitava maravilha do mundo, quando na verdade é só mais um item a ocupar uma das entradas do filtro de linha, muito provavelmente conectado ainda com o auxílio de um benjamin, tornando seu uso pouco prático além de perigoso.

1

BAUMAN, Zygmunt; BORDONI, Carlo. Estado de Crise, Lisboa, Relógio d'Água Editores, 2016.

Imagem 1



Se olharmos para o passado, por exemplo 1997, essas conexões eram infinitamente mais simples e se caracterizavam pela maior praticidade do uso, com no máximo um adaptador para compartilhar uma tomada entre um televisor, videocassete ou aparelho de som (como podemos ver na imagem 2 abaixo).

Imagem 2



Além disso, esses cabos normalmente ficavam “camuflados”, seja atrás de uma estante, ou embutidos no rodapé para que passassem despercebidos para os visitantes mais distraídos.

Nos últimos governos, por conta do crescimento econômico pelo qual o país passou, as pessoas das classes econômicas mais baixas tiveram maior acesso a esses aparelhos, gerando uma demanda ainda maior por energia elétrica. Consequentemente, notou-se o aumento no número de furtos de energia, popularmente conhecidos como “gatos”. Esse fenômeno pode ser identificado com mais facilidade em comunidades/favelas, muito por conta do baixo investimento e descaso do poder público nessas áreas.

Imagem 3



A questão do “gato de rua” me chamou atenção como um possível objeto de pesquisa. Inspirado pela melodia dos Racionais MC's, que em um dos versos da música “Vida Loka I” diz: *Se até no lixão nasce flor*, percebi como há muito espaço para desdobrar e discutir de forma pictórica a beleza dessas caóticas conexões elétricas que nos cercam.

Objeto

No que tange às questões plástico/temáticas, no início desta empreitada utilizei bases que já possuíam alguma matéria em sua superfície, que carregavam consigo certa “história”. Inicialmente esse resultado foi sendo obtido posicionando telas limpas próximas ou mesmo embaixo das telas que estavam sendo pintadas, para que os resíduos de tinta oriundos do processo da pintura respingassem sobre sua superfície até então intocada. Utilizando-as praticamente como proteção para a bancada de apoio, por vezes também aproveitei esses suportes para limpar as ferramentas que eu estava manipulando no momento, ou para retirar o excesso de solvente do pincel. Com isso eu conseguia “quebrar o branco” do suporte e gerar uma base inicial que se construía mais organicamente, como manchas ocasionadas pela ação do tempo em um muro. Este processo está ilustrado na imagem abaixo:

Imagem 4



Exemplo do processo da “pré cobertura” da tela.

Em seguida, dava início a pintura propriamente dita, realizando diversas sobreposições entre camadas de tinta, marcações das imagens escolhidas para trabalhar, grafismos, palavras, números... Outros materiais como, por exemplo, vernizes, pastel, caneta a base de óleo e tinta spray também poderiam ser aplicados. Não há uma ordem pré estabelecida nesta etapa, as soluções vão se dando conforme as questões de cada trabalho vão surgindo durante o processo de

pintura. Vale ressaltar um comentário que julgo bastante pertinente feito pelo professor e artista visual Carlos Zilio. No dia em que lhe mostrei alguns trabalhos desta série, fez a seguinte observação:

Esta sobreposição de camadas pictóricas presente em alguns dos trabalhos, reforça a idéia de “Revelar e Ocultar”, presente no conceito desta série. Por exemplo, na obra *Novo (de)novo (Daileon mode remix)*, entre a área chapada em preto e os outros 2/3 do lado direito, você divide a tela com uma faixa vertical que revela uma pequena fração do fundo da obra, criando uma interessante sensação de profundidade. (vide imagem 9)

Porém, durante o desenvolvimento desta série, cada vez mais percebi que esse processo inicial de criar uma base, conforme descrito acima, foi ganhando um aspecto mais natural, mais espontâneo. A aparência de respingos e manchas *fakes* foi se dissolvendo. Então resolvi não utilizar a sobreposição de camadas, e sim, usar essa “pré base” como o fundo do trabalho, como se este fosse um elemento do ateliê, um elemento do processo, do pintar que acabou sendo absorvido pela própria obra.

Este tipo solução para os fundos era algo que eu buscava já há algum tempo, por observar e admirar na obra de outros artistas, como em “Desenho de De Kooning Apagado”, de Robert Rauschenberg e “Entre a filosofia e o crime, part I.” de Paulo “Pjota” Nimer, onde o uso do “resíduo” é bastante presente.

As imagens utilizadas nesta série são obtidas através de registros fotográficos realizados por mim, além disso, pedi em minhas redes sociais para que as pessoas me enviassem fotos de suas gambiarras domésticas, ou ainda as localizadas em seus ambientes de trabalho. Assim as pessoas também, mesmo que por alguns instantes, observariam essas áreas periféricas do seu entorno e essas conexões que, em alguns casos, chegam a se assemelhar a naturezas mortas. Desse modo, criei um banco de imagens, não sendo necessário o uso de imagens oriundas de ferramentas de pesquisa da internet.

Objetivo

O objetivo principal deste projeto é me debruçar sobre o processo de desenvolvimento da série que tenho construído ao longo dos últimos anos, buscando estruturar seu conteúdo teórico e prático. Pretendo, no desenvolvimento desse projeto, me aprofundar em seus fundamentos e ampliar o leque, tanto no que tange ao meu repertório pictórico, quanto ao conceitual. E de maneira sucinta, traçar uma linha que desenhe e amarre as características e interesses que movem e dão unidade a estes trabalhos.

Justificativa

O interesse por esse tema surgiu enquanto eu captava imagens para uma outra pesquisa, que ainda está em desenvolvimento, onde fotografo todos os mictórios e banheiros públicos que utilizo. Comecei então a me atentar ao entorno desses ambientes como, por exemplo, um interruptor quebrado, uma reforma hidráulica inacabada, mal realizada e com fiação exposta (vide imagem 5a), além de pichações e desenhos feitos nas paredes (vide imagem 5b). A partir disso comecei a desenvolver inicialmente alguns estudos e uma coleta de imagens oriundas de ferramentas de pesquisa on-line, o que se desdobrou em alguns trabalhos, onde o foco eram principalmente as questões hidráulicas e os grafismos encontrados em banheiros públicos (vide imagem 5c).

Imagem 5



(A) Foto de um banheiro Fábrica Behring



(B) grafismo em um banheiro (UFRJ)



(C) Estudo feito com base na img (B)

Dentro deste processo iniciei um levantamento teórico tendo como base projetos hidráulicos, materiais técnicos voltados para cursos de edificações e arquitetura, além de uma extensa pesquisa de materiais. Porém, em algum ponto me desinteressei um pouco pelo desenvolvimento dessa pesquisa e optei por seguir com ela de forma mais tímida, dando ênfase a outra poética, com foco na riqueza estética escondida no aspecto precário desses ambientes. Até que, por acaso, vejo na casa de uma amiga uma lata de tinta comum de parede com dois livros, sendo um deles o *A História da Arte*, de Ernst Gombrich², sustentando uma gambiarra cheia de carregadores de celular (vide imagem 6). Aquela imagem banal me impressionou e teve um sentido forte para mim, eram a prática e a teoria sustentando uma composição. Me veio à cabeça uma frase, *Sob as bases de nossa civilidade*, que logo adiante viraria o título de um trabalho que desenvolvi remontando a tal imagem.

2

Trata-se de uma pesquisa sobre a história da arte desde os tempos antigos até a era moderna, publicado pela primeira vez em 1950. Cf: **GOMBRICH, E.H., História da Arte. Editora Guanabara: Rio de Janeiro. 1988.**

Imagem 6



Essa composição serviu de estopim para o início dessa pesquisa. O trabalho me permitiu criar a seguinte metáfora: a associação entre as relações humanas na contemporaneidade e as conexões elétricas, que de certa forma são parte fundamental da nossa comunicação e consequentemente de nossas conexões. Apesar de na teoria ser uma obra em branco, nela se encontra muita energia, muito “trabalho”. Vale frisar que esta composição me serviu de inspiração para a criação de uma pintura e um objeto: Sob as bases de nossa civilidade/ Sob as bases de nossa civilidade (Deus Jiray Mode) respectivamente, conforme as imagens 7 e 8 abaixo.

Imagem 7

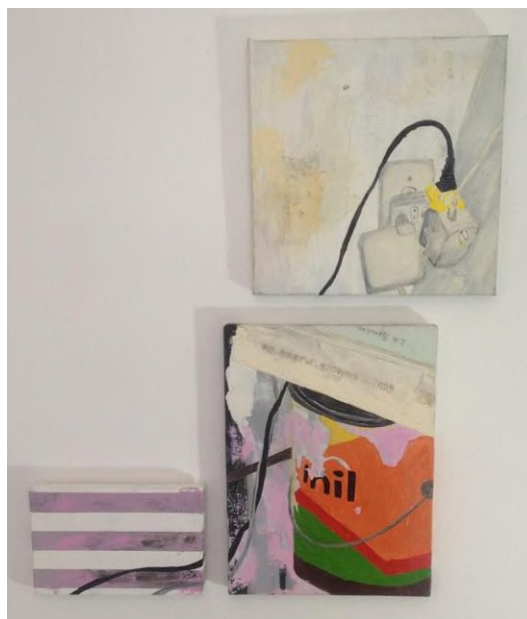


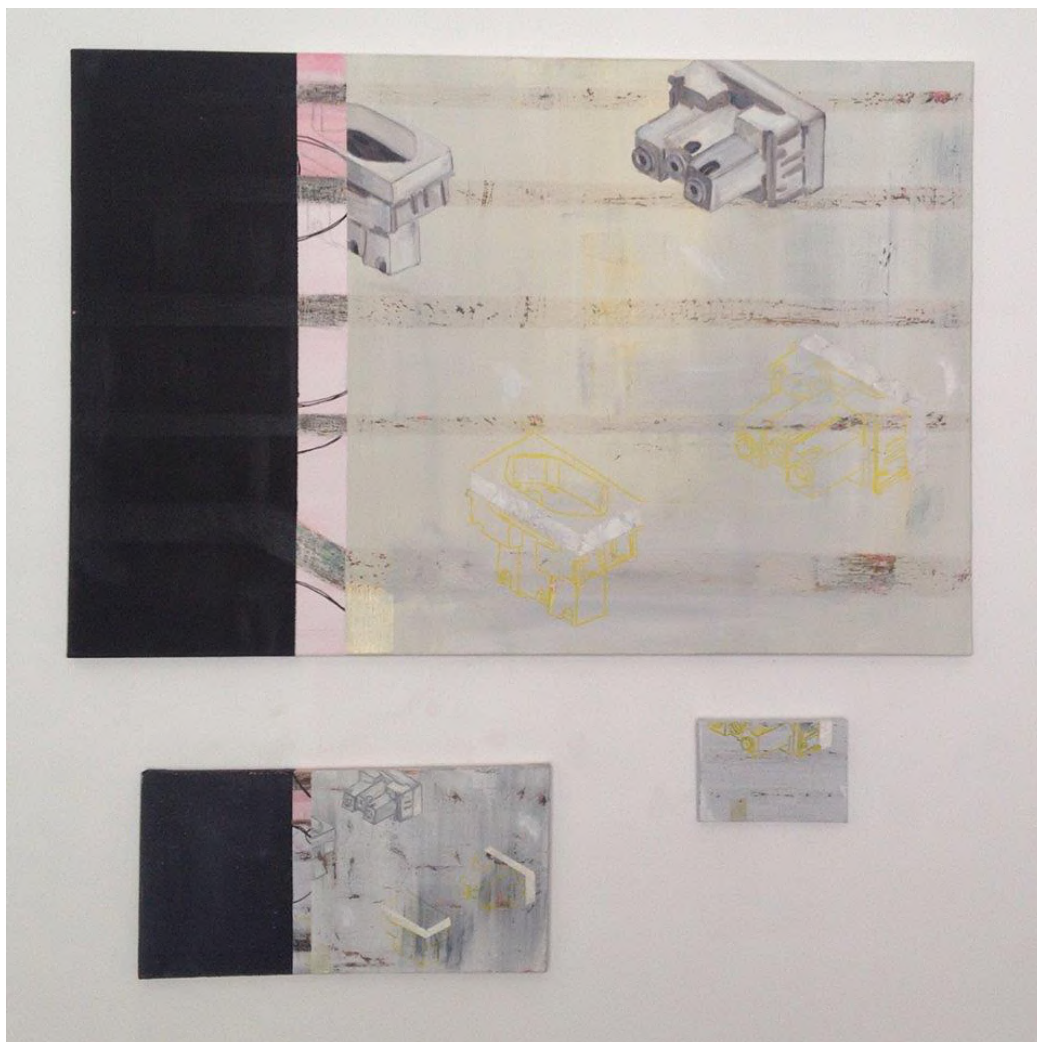
Imagem 8



Além dos artistas que tenho como referência, procurei embasar o trabalho em outros pensadores/teóricos que desenvolveram alguma pesquisa de temática próxima a minha. Assim, busquei informações de como outros artistas de períodos históricos diferentes construíam suas pesquisas. Em relação à questão das dimensões da minha pintura, iniciei realizando a ampliação de trabalho já dado por finalizado, experimentando nesses trabalhos em tela algo que já fiz anteriormente e que me foi sugerido em sala durante a disciplina de Metodologia de Pesquisa, numa de minhas apresentações aos professores Monique Queiroz e Rafael Bteshe, que

consistiu em agrupar os pequenos trabalhos já realizados em trabalhos modulares. Como, por exemplo, fiz com a obra *Novo (de)novo (Daileon mode remix)* (vide imagem 9).

Imagem 9



Novo (de)novo (Daileon Mode Remix) – 2017/18.

Entre as disciplinas de Pintura 3 e 4 pensei começar a definir uma quantidade de trabalhos para dar fechamento às minhas séries, prática esta que via sendo aplicada nos ateliês em que trabalhei. Defini um número próximo a 15 obras para o fechamento desta série. Ainda não sabia o que iria desenvolver ao final. Então, ao visitar um amigo que mora em uma comunidade na zona norte do Rio, me deparei com um poste que tinha um emaranhado enorme de fios de gatos de luz. Nesse instante, percebi uma relação com o que eu estava pintando, e como eu estava

começando a ampliar o suporte de minhas pinturas, achei que fazia todo o sentido desdobrar minha pesquisa para a fiação de rua e não deixá-la apenas limitada ao âmbito doméstico. Então comecei a fazer registros fotográficos de todos os gatos de energia que encontrava nas ruas e fui montando um banco de dados, sem ter ideia ao certo de como eu iria utilizá-los.

Desenvolvimento

A finalização dos últimos trabalhos da série *As Bases de Nossa Civilidade*, foi muito relevante, pois foi com algumas obras dessa série que participei da exposição coletiva Stedelijke Aansluitingen em Gent, na Bélgica. De grande parte dessas obras foi composta minha primeira individual intitulada *É fim de Linha, é fogo, é foda*. Comecei a amadurecer o próximo passo me debruçando sobre o material que vinha acumulando (imagens de gato de luz e uma pequena coleção de benjamins, adaptadores e tomadas queimadas), criei uma série intermediária. Nessa série discutia a força/energia por trás da pintura, tendo como ponto de partida o trabalho *Desenho de De Kooning apagado* do artista visual Robert Rauschenberg (vide imagem 10).

Imagem 10



Desenho de De Kooning apagado – 1953

Então comecei a trabalhar o verso de algumas telas onde eu fazia a relação entre a história da arte e conexões elétricas. Relação essa que para mim já estava presente naquela composição de balde de tinta, o livro do Ernst Gombrich sustentando aquela gambiarra na tomada, apresentado na imagem 6 desse trabalho. Porém, comecei a pensar em utilizar os plugs das tomadas não apenas como modelos em uma “natureza morta”, mas também utilizá-los fixados nas telas. Ao me deparar com a questão do incêndio que atingiu o prédio da nossa reitoria, tive a ideia de gerar um curto circuito controlado, para isso tive ajuda de minha querida amiga Clara Oliveira, técnica em Elétrica. Realizei alguns testes em suportes diversos e optei por utilizar os plug fixados nos versos de alguns trabalhos meus mais antigos. Buscava discutir a força da pintura, o que está por de trás da obra. Muita energia, muito trabalho e muitas vezes também fragilidades. Para mim, o curto é um momento de fragilidade dentro da potência da energia elétrica, geramos toda essa força e buscamos controlá-la com fios e conexões.

Um curto-circuito ocorre quando a resistência elétrica em um circuito é muito pequena e a corrente elétrica que o atravessa atinge uma intensidade muito elevada. Esse aumento na corrente elétrica causa uma grande liberação de energia e, conseqüentemente, um superaquecimento dos condutores.³

Refletindo sobre o incêndio, fiquei um bom tempo pensando no poder transformador que o fogo tem (tanto para bem quanto para o mal), nessa eterna luta do homem de tentar controlar seu meio, mas também na importância de aceitar as adversidades e enxergar nelas uma oportunidade de mudança positiva. Esse incêndio, por exemplo, poderia ter sido o estopim (sem ironia!) para que uma modernização ocorresse na reitoria. Esse conceito do fogo como sendo um elemento transformador está presente na obra do filósofo Heráclito e Éfeso, como vemos no trecho do livro *Filósofos Pré-socráticos. Primeiros Mestres da Filosofia e da Ciência Grega* de Miguel Spinelli:

3

GUSSOW, Milton. **Eletricidade Básica**. 2ª edição. Porto Alegre. Editora Bookman, 2008.

Segundo Heráclito, o fogo é, pois, o elemento primordial de todas as coisas. Tudo se origina por rarefação e tudo flui como um rio. O cosmos é um só e nasce do fogo e, de novo, é pelo fogo consumido, em períodos determinados, em ciclos que se repetem pela eternidade.⁴

Em seu livro - Do Céu, Aristóteles escreve: *"Concordam todos em que o mundo foi gerado; mas, uma vez gerado, alguns afirmam que é eterno e outros que é perecível, como qualquer outra coisa que por natureza se forma. Outros, ainda, que, destruindo-se, alternadamente é ora assim, ora de outro modo, como Empédocles e Heráclito de Éfeso. (...) Também Heráclito assevera que o universo ora se incendeia, ora de novo se compõe do fogo, segundo determinados períodos de tempo, na passagem em que diz "acendendo-se em medidas e apagando-se em medidas."*

Para Heráclito, o fogo, quando condensado, se umidifica e, com mais consistência, torna-se água; e esta, solidificando-se, transforma-se em terra; e, a partir daí, nascem todas as coisas do mundo. Este é o caminho que Heráclito define como sendo "para baixo". *Derretendo-se a terra, obtém-se água. Água transforma-se em vapor, tal como vemos na evaporação do mar. E, rarefazendo-se, o vapor transforma-se novamente em fogo. E este é o caminho "para cima".*⁵

Com base nesse conceito procuro levar meu trabalho "para cima", utilizando o fogo como elemento transformador. Então gero pequenos curtos, onde o plug elétrico fica parcialmente queimado e para que o verso da tela fique com fuligem (algo que foi determinante para o desdobramento de minha pesquisa) nos títulos de cada um dos trabalhos eu faço referência a ícones da história da arte como Picasso (vide a imagem a seguinte), Jasper Johns e Yves Klein.

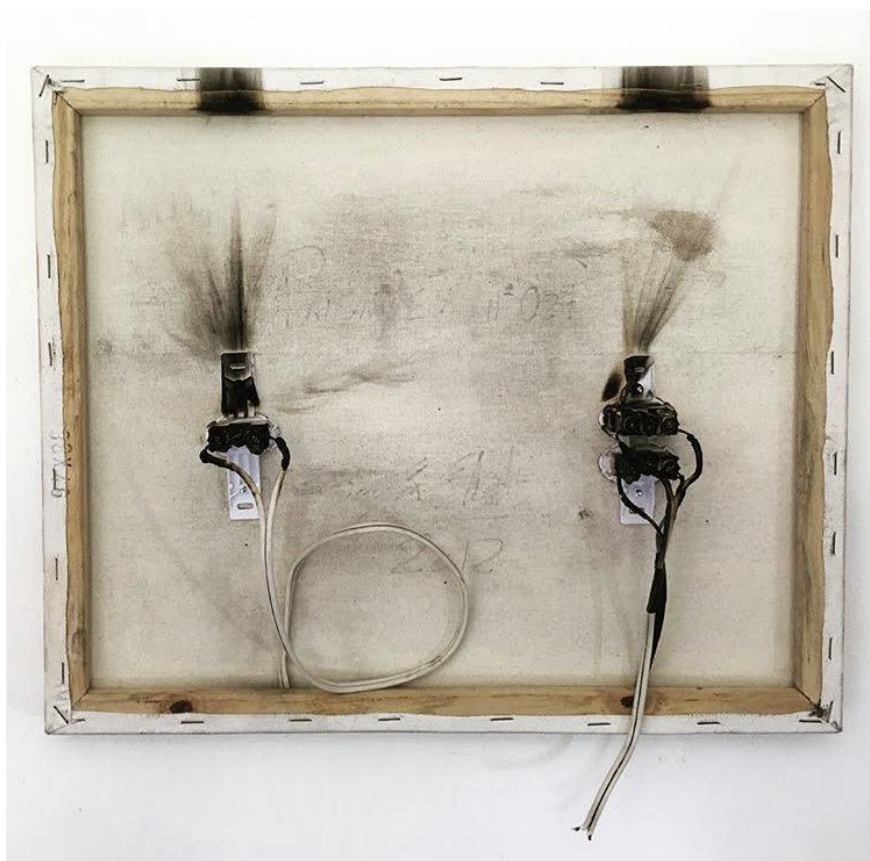
4

SPINELLI, Miguel. **Filósofos Pré-socráticos. Primeiros Mestres da Filosofia e da Ciência Grega.** 2ª edição. Porto Alegre: Edipucrs, 2003, pp. 167–271.

5

SPINELLI, Miguel. **Filósofos Pré-socráticos. Primeiros Mestres da Filosofia e da Ciência Grega.** 2ª edição. Porto Alegre: Edipucrs, 2003, pp. 167–271.

Imagem 11



“The Kitchen n°3 (La cafetière, grille-pain et micro-ondes)”
(Conjunto de tomada elétrica, acrílica e fuligem sobre tela)
44,5 x 46 cm
2018.

Essa série foi composta por 3 obras, como dito anteriormente, ela teve um papel muito importante na série que desenvolvi a seguir (série essa na qual sigo trabalhando atualmente e que tem o título provisório de Gambiarras).

GAMBIARRAS

Nesse novo conjunto se apresentam questões que ainda não tinham sido abordadas nos trabalhos anteriores (posso dizer que tanto de forma estética como conceitual) além do desenvolvimento da utilização da fuligem como pigmento nas pinturas.

Nesse momento, apesar de considerar o trabalho figurativo, sinto que ele começa a apresentar elementos do abstracionismo. Porém para mim a principal mudança desta série para as anteriores é a conceitual. Porque se antes meus trabalhos traçavam paralelos entre a tecnologia e as relações humanas, com ênfase nas gambiarras de uso doméstico, agora relaciono a questão da gambiarra e da fragilidade das instalações elétricas nas comunidades, os vulgarmente conhecidos como “gatos de rua”, com o intuito de chamar a atenção para questões sociais como, por exemplo, a precariedade das condições de vida dos moradores dessas comunidades carentes. Com essas ideias iniciais, comecei a pensar no conceito de forma mais ampla com relação aos títulos das obras. Então fui pedindo para que meus amigos que vivem fora do Brasil fossem me enviando links de matérias que saíssem lá fora que falassem de incêndios em comunidades pobres daqui (vide imagem 12). Utilizei essas notícias para criar os títulos das obras e meu banco de imagens de “gatos de rua” para realizar as composições com os fios.⁶

6

Conferir imagem 4.

Imagem 12



Utilizando como suporte o tecido sem o chassi, em alguns momentos colando as partes ou grampeando-as, fazendo alusão a paredes improvisadas de barracos, montei dois pequenos dípticos que comecei trabalhando separadamente, como estudos iniciais. Posteriormente volto a trabalhar nesses dois dípticos, pois fui progressivamente aumentando as dimensões de trabalho desta série. Sendo assim, os dois primeiros trabalhos/estudos desta série ficaram a meu ver um tanto deslocados em sua dimensão. Porém, no que se refere à composição continuava a me agradar. Então decidi juntar ambos os trabalhos e uma outra fração de junções de lonas e compor assim um políptico.

Mantive o título de um dos um dois trabalhos, que de certa forma foi canibalizado para a confecção desse título, inspirado na letra “Autonomia” da banda capixaba Dead Fish, acompanhada de “(REMIX)” no final, prática também adotada pelo artista Bruno Miguel quando utiliza um trabalho mais antigo na confecção de um novo.

Visitei de forma recorrente as obras de alguns artistas já citados nos trabalhos anteriores, porém durante esse processo pensei bastante na pintura Kitchen 2 de Picasso. Foi algo muito natural pois não estava realizando uma pesquisa específica

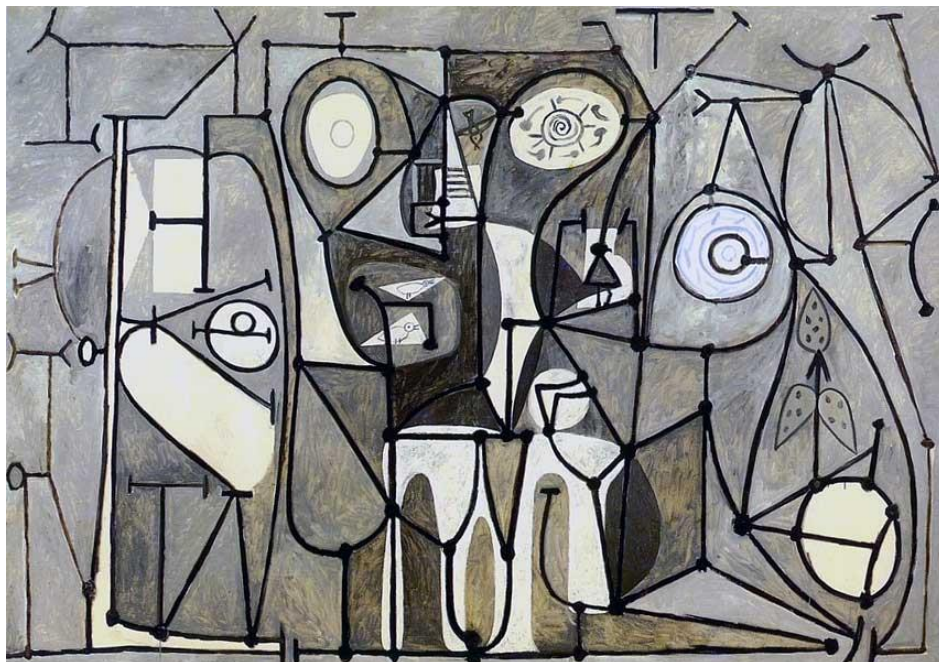
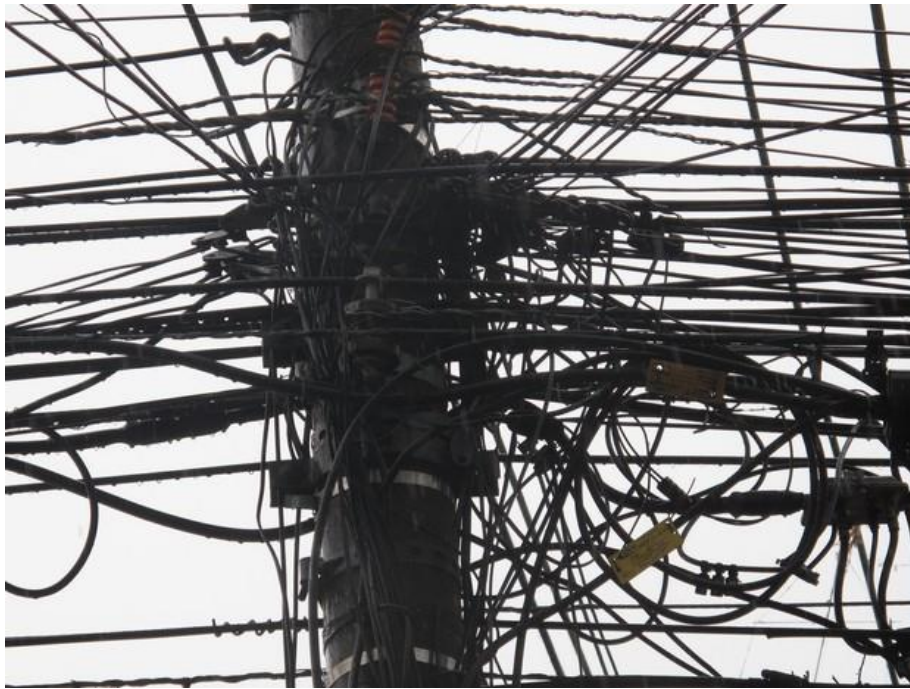
sobre o trabalho do artista, acho que isso se deu muito pela questão das linhas e curvas. Outra obra que posso dizer que me inspirou de forma muito subjetiva durante esse processo foi Grande Sertão: Veredas⁷. Por exemplo, quando Riobaldo perde a primeira batalha e depois do pacto ele consegue ganhar sem mover seu cavalo. Às vezes para dar certo é preciso refazer o trajeto com mais confiança, utilizando o conhecimento adquirido durante a jornada. Realizar esse “REMIX” me fez refletir sobre isso.

7

Trata-se de um romance experimental modernista escrito pelo autor brasileiro João Guimarães Rosa.

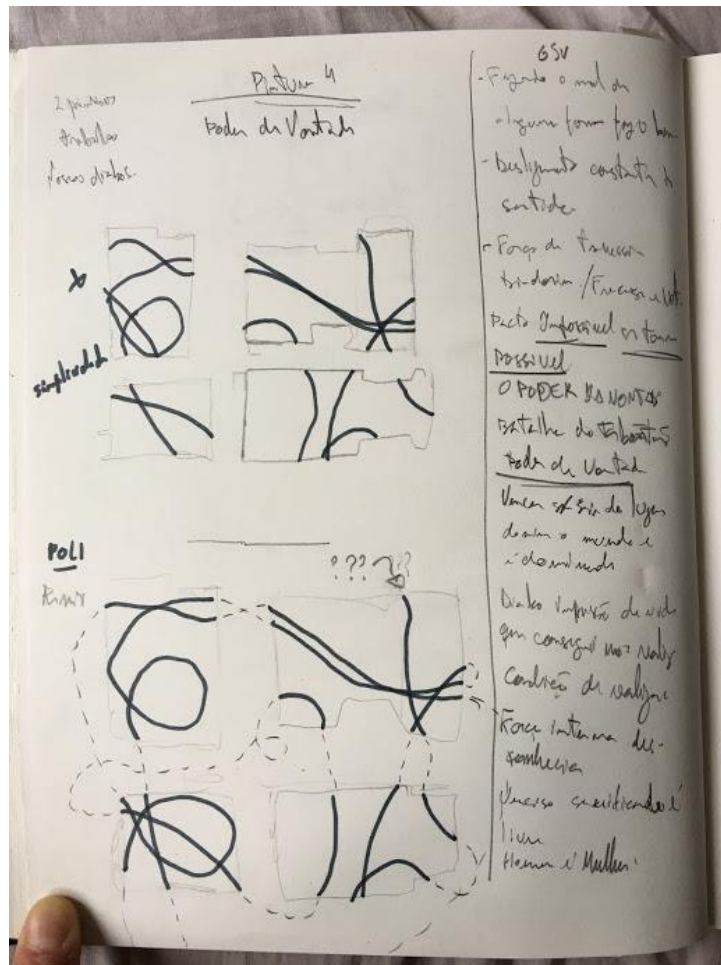
Estudos preparatórios I

Imagem 13



Pablo Picasso
Kitchen 2
(óleo sobre tela)
175 x 252 cm

Estudo I



Desenvolvimento

Imagem 14



- Imagem do processo após a definição do posicionamento das partes do trabalho.

Imagem 15



Após definido o posicionamento fiz uma máscara” de fita gomada e fiz alguns estudos de linha antes de cortar a máscara e entrar com a pigmentação de fuligem.

Imagem 15

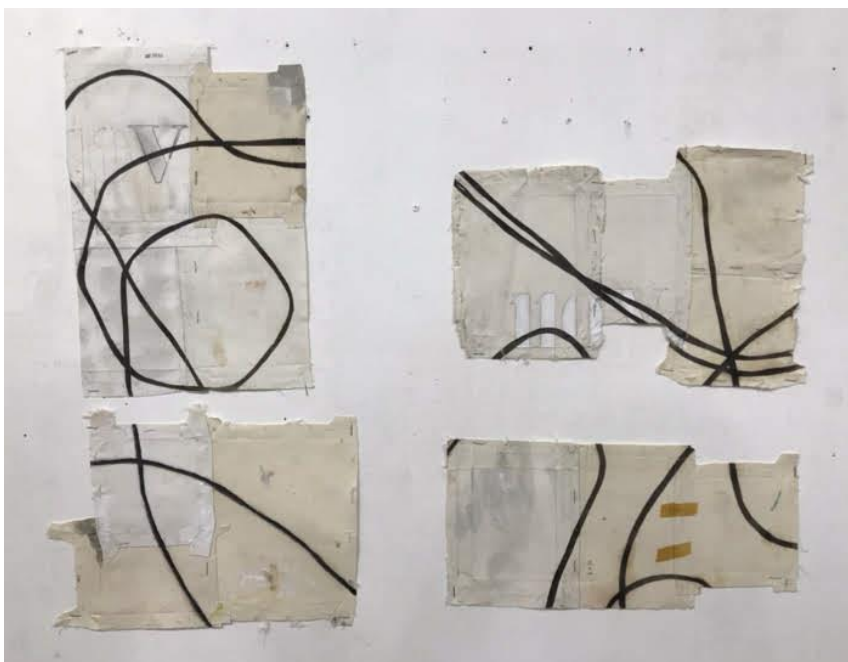


Imagem do trabalho já finalizado.

Assim como a pintura anterior, esse trabalho faz parte da série (de nome provisório "Gambiarrras"). Dentro deste conjunto busquei realizar algumas variações, então realizei esse políptico a partir de uma faixa de lona com aproximadamente 260cm, dividindo-a em sessões de 64cm cada. O fundo do trabalho foi preparado com uma base de tinta acrílica branca. Optei por fazer poucas interferências nele, utilizando grafite, tinta acrílica e caneta esferográfica. Em seguida fiz uma máscara de fita gomada, pigmentei a lona com fuligem e fixei com resina acrílica. Durante este processo pensei bastante nos trabalhos de Robert Ryman (referência esta que surgiu após a primeira apresentação), Jasper Johns e Cy Twombly, principalmente por conta das pouquíssimas alterações que realizei no fundo do trabalho, pois achei que o fundo já tinha um desgaste bastante interessante.

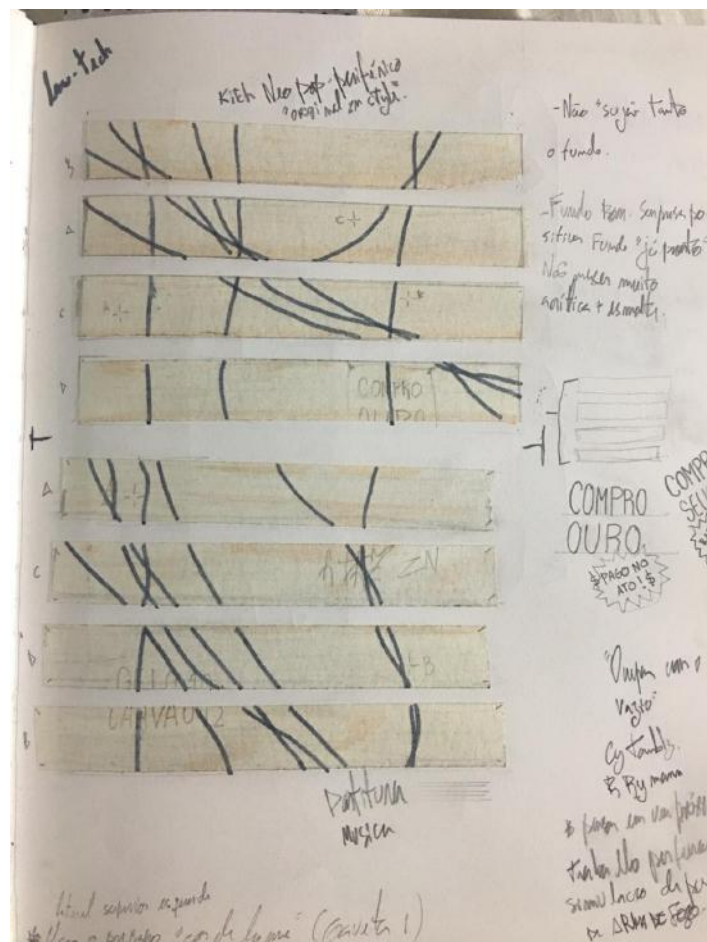
Uma mudança significativa deste trabalho em comparação aos outros da série, é que neste utilizei linhas mais "verticalizadas". A intenção era criar um contraponto em relação a horizontalidade do suporte. Depois de pronto isso me remeteu às paisagens do período de férias na Zona Norte. As pipas com suas linhas com cerol cortando a fiação das ruas, daí o nome do trabalho "Fios, cerol e alta tensão".

Estudos preparatórios II

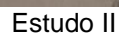
Imagem 16



Exemplo de referência.



Estudo I



Desenvolvimento

Imagem 17



Após o preparo do fundo e escolhida a posição e ordem das faixas de lona, fiz uma máscara de fita gomada e em seguida dei prosseguimento aos estudos antes de iniciar o corte da máscara.

Imagem 18



Após definidas as posições dos fios realizei o corte.

Imagem 19



Estágio no qual se encontra no momento da apresentação.

Conclusão

Fui entendendo que muito do que estou fazendo hoje está totalmente ligado ao início da pesquisa, que essas imagens e os objetos dos quais faço uso como referência nessas pinturas criam uma relação com cotidiano, com o urbano e o real. Quando a gente se depara com aquilo automaticamente nos remete a memória de algum espaço (possivelmente precarizado), mas esse espaço foi construído por alguém e em muitos casos se mantém precário por conta do interesse de terceiros. Então meu trabalho recebe a oportunidade de criar um diálogo entre o pictórico e o real. E trazer o espectador para dentro do meu universo por meio dessas lembranças onde não importa a certeza do que é verdade ou mimese.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

ARCHER, Michael. **Arte Contemporânea uma história Concisa**. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 263p.

BAUMAN, Zygmunt; BORDONI, Carlo. **Estado de Crise**, Lisboa, Relógio d'Água Editores, 2016.

FERREIRA, Glória, COTRIN, Cecília (orgs.) **Escritos de Artistas Anos 60/70**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2006, 467p.

GUSSOW, Milton. **Elettricidade Básica**. 2ª edição. Porto Alegre. Editora Bookman, 2008, 570p.

MATTAR, Denise, MORKAZEL, Mariza, BRITO, Rosangela, HERKENHOFF, Paulo, CHIARELLI, Tadeu. **Emmanuel Nassar – a poesia da gambiarra**. Curadoria Denise Mattar. Rio de Janeiro: Centro Cultural do Banco do Brasil, 2003, 172p.

SOUZA, Líria Alves de. **Heráclito: o filósofo do fogo**. *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/quimica/heraclito-filosofo-fogo.htm>. Acesso em 20 de outubro de 2019.

SPINELLI, Miguel. **Filósofos Pré-socráticos. Primeiros Mestres da Filosofia e da Ciência Grega**. 2ª edição. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.

Sites:

Heraclito

<<https://brasilescola.uol.com.br/quimica/heraclito-filosofo-fogo.htm>> Acesso em 11 de outubro de 2019.

Vida Loka (parte1)

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Vida_Loka_I> Acesso em 14 de setembro de 2019.

Física curto circuito

<<https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/fisica/curto-circuito.htm>> Acesso em 20 de setembro de 2019.

